

ÁLZAS



Edição
CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO,
ORDEM DOS ARQUITECTOS – SECÇÃO REGIONAL NORTE

Coordenação
Ordem dos Arquitectos – SRN
Ana Maio, Manuel Maria Reis e Nuno Grande
Conteúdos, fotografias e traduções
Casa da Arquitectura

Design Gráfico
Incomun
ISBN
978-972-8897-34-5
Impressão
Mota e Ferreira, Lda.

LEVAR QUE CONTAR

Quem se dispõe a visitar uma obra de Siza sabe ao que vai. Dentro do seu espírito leva expectativa e ilusão, mas leva também a certeza de encontrar uma obra consistente e madura. Sobre a obra dos grandes mestres cria-se uma espécie de aura, um círculo de adoração, que a transporta para fora dos lugares-comuns. Mas essa aura repousa, em geral, sobre pressupostos muito simples. E o mais simples é, muitas vezes, o mais difícil. As soluções encontradas por Siza, certamente decantadas ao longo dum trabalho árduo de pesquisa, parecem ser óbvias aos olhos do visitante: a obra está implantada onde deve estar; dá corpo como deve, e duma forma elegante, a um programa; incorpora os registos que melhor respondem perante uma determinada memória cultural. E isto já é muito, mas não é tudo. Há edifícios ou arranjos urbanísticos que respondem eficientemente a todas estas coisas e, no entanto, não justificam uma visita.

Porque será, então, que as obras de Siza são merecedoras de visita? E porque umas mais do que outras? Porque manifestam, julgo eu, uma coisa que alguns arquitectos têm e a outros falta: poesia. A poesia na arquitectura, e na arte em geral, não é coisa fácil de se ver, embora seja assunto do olhar, mas não só. A poesia vê-se, sente-se, ouve-se, toca-se. Mas perante o olhar ou o toque, retrai-se, refugia-se nos seus alvéolos inexpugnáveis. O espaço, quando bem ordenado, entra nos sentidos como um Deus na alma. A arquitectura estabelece um protocolo, a poesia quebra-o; a arquitectura

fala até um determinado ponto, a poesia emudece; a arquitectura torna o mundo habitável, a poesia abre a hospitalidade; a arquitectura intervém sobre 'a carne do mundo', a poesia manifesta e compromete o espírito; a arquitectura constrói uma forma para a utilidade, a segurança e o conforto, a poesia inventa uma passagem para o Oriente da razão.

Visitem, por exemplo, a Piscina das Marés ou o Museu de Serralves e vejam como a obra de Siza mostra sabedoria e carência, duas virtudes que costumam andar juntas. E isto é poesia. A carência não é necessariamente uma falta de alguma coisa ou uma privação. É também um momento de espera, um compasso que marca o ritmo cardíaco do sedento que se aproxima da fonte. A poesia, como a obra de Siza, nunca mostra tudo. Deixa um espaço de distanciamento e de crítica ao leitor ou ao visitante; abre uma extensão para a pergunta, a inquietação e o espanto. A boa arquitectura respeita o visitante, preza-o, responsabiliza-o, retira-o à menoridade, trabalha para a sua emancipação. O visitante não é um crivo lasso e passivo de emoções. O visitante entrega-se à obra, abraça-a: seja para a desposar, seja para a repudiar. Num caso ou noutro, sempre o visitante leva que contar!

Nuno Higo



CASA DA ARQUITECTURA
www.casadaarquitectura.pt

Num tempo em que se *navega* tanto pela *net* e em que se fala tanto na globalização, 'o saber ver a arquitectura' obriga à viagem, a ver e sentir a obra, a sua inserção e contemporaneidade.

As viagens culturais de arquitectura, e mistas, são uma realidade internacional e mesmo nacional. Os meios de transportes são rápidos e acessíveis e as férias podem ser um fim-de-semana: criou-se a ideia de que, em pouco tempo, se pode absorver uma

cidade nos seus tradicionais aspectos turísticos, mas também naquilo que a move e a define.

A Região Porto tem um conjunto de obras de arquitectura contemporânea que, pela sua inserção urbana, valorizam e acrescentam o património cultural. A Arquitectura Contemporânea é já património e, em muitos casos, qualificada como 'de interesse turístico e cultural'.

As várias entidades envolvidas neste projecto – Câmara Municipal do Porto, Ordem dos Arquitectos SRN e Casa da Arquitectura – demonstram o alcance desta realidade e a urgência de a tornar conhecida.

Álvaro Siza iniciou a sua actividade de arquitecto neste ambiente cultural.

Este mapa dedicado às suas obras facilita a sua localização e uma correcta abordagem por parte do visitante. Surge na sequência dos Mapas já editados dedicados a Marques da Silva e Arménio Losa.

Carlos Castanheira



P.01

Casa Carneiro de Melo
1957-59, Av. da Boavista, 4397
41° 9' 55.48" N / 8° 40' 27.43" W

P.02

Cooperativa do Lordelo
1960-63, R. Professor Augusto Nobre, 193
[alterado]
41° 9' 32.87" N / 8° 39' 11.21" W

P.03

Casa Manuel Magalhães
1967-70, Av. dos Combatentes, 154
41° 9' 53.08" N / 8° 35' 33.16" W

P.04

Habitação Social SAAL, Bouça
1975-77, R. das Águas Férreas
41° 9' 24.43" N / 8° 37' 5.29" W

P.05

Recuperação da Casa e Anexos da Quinta da Póvoa
1984-86, R. do Gólgota
41° 8' 59.36" N / 8° 38' 10.57" W

P.06

Pavilhão Carlos Ramos – FAUP
1985-89, R. do Gólgota
41° 9' 1.57" N / 8° 38' 6.74" W

P.07

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto – FAUP
1986-93, Via Panorâmica
41° 8' 58.19" N / 8° 38' 9.61" W

P.08

Casa César Rodrigues
1987-96, R. Corte Real, 681
41° 9' 32.66" N / 8° 40' 42.13" W

P.09

Edifício de Comércio e Habitação Colectiva
1991-98, R. José Gomes Ferreira, 253
Co-autoria António Madureira
41° 9' 41.98" N / 8° 40' 3.46" W

P.10

Museu de Arte Contemporânea – Fundação de Serralves
1991-99, R. D. João Castro, 210
41° 9' 34.87" N / 8° 39' 35.99" W

P.11

Edifício de Escritórios
1993-97, R. do Aleixo, 53
41° 8' 57.89" N / 8° 38' 56.99" W

P.12

Edifício de Comércio e Habitação Colectiva
1998-2008, R. Domingos Machado / R. de Francos, 148
Co-autoria António Madureira
41° 10' 0.43" N / 8° 37' 58.55" W

P.13

Casa /Ateliê Armanda Passos
2002-06, Av. Marechal Gomes da Costa, 1074
41° 9' 27.23" N / 8° 40' 1.02" W

P.14

Quatro Habitações
2004-11, Av. da Boavista, 3686 a 3722
41° 9' 51.72" N / 8° 39' 59.75" W

P.15

Reabilitação do Jardim da Boavista
2004, Praça Mouzinho de Albuquerque
41° 9' 26.98" N / 8° 37' 40.82" W

P.16

Remodelação da Avenida dos Aliados
2005, Av. dos Aliados
Co-autoria Eduardo Souto de Moura
41° 8' 51.16" N / 8° 36' 39.69" W

P.17

Estação de Metro São Bento
2005, Av. Vimara Peres
41° 8' 43.89" N / 8° 36' 38.95" W

P.18

Sepultura do Poeta Eugénio de Andrade
2008, Largo Soares dos Reis
Cemitério do Prado Repouso, secção 2
41° 8' 44.56" N / 8° 35' 45.28" W

GDM.01

Casa Luís Figueiredo
1984-94, R. Pintor Júlio Resende, 45
41° 7' 35.27" N / 8° 33' 41.55" W

GDM.02

Pavilhão Multiusos
2000-07, Av. Pavilhão Multiusos
41° 8' 4.64" N / 8° 32' 20.14" W

MA.01

Casa Luís Rocha Ribeiro
1960-62, R. Eng. Duarte Pacheco, 502
41° 14' 17.06" N / 8° 37' 18.09" W

MT.01

Quatro Habitações
1954-57, Av. D. Afonso Henriques, 394 / R. Filipe Coelho, 212, 192 e 182
41° 11' 7.28" N / 8° 41' 7.06" W

MT.02

Centro Paroquial
1956-59, R. da Silva Cunha, 107
[parcialmente construído; alterado]
41° 11' 14.6" N / 8° 41' 02.5" W

MT.03

Jazigo Família Siza Vieira
1957, R. de Sendim, Cemitério de Sendim, 4.ª secção
41° 11' 28.6" N / 8° 40' 26.9" W

MT.04

Casa de Chá / Restaurante Boa Nova
1958-63, Av. da Liberdade
Co-autoria Adalberto Neves, António Meneres, Botelho Dias e Joaquim Sampaio
41° 12' 10.3" N / 8° 42' 53.2" W

MT.05

Piscina da Quinta da Conceição
1958-65, Av. Antunes Guimarães
41° 11' 42.6" N / 8° 41' 13.1" W

MT.06

Jazigo Família Martins Camelo
1960, R. de Sendim, Cemitério de Sendim, 2.ª secção
41° 11' 24.00" N / 8° 40' 25.8" W

MT.07

Remodelação da Casa dos Pais / Casa da Arquitectura
1960-61/2009, R. Roberto Ivens, 582
41° 10' 56.50" N / 8° 41' 28.22" W

MT.08

Piscina de Leça da Palmeira
1961-66, Av. da Liberdade
41° 11' 35.37" N / 8° 42' 25.04" W

MT.09

Casa Ferreira da Costa / Casa Miranda dos Santos
1962-65/1993-96, R. Azenha de Cima, 258
41° 10' 42.56" N / 8° 39' 34.77" W

MT.10

Monumento ao Poeta António Nobre
1967-80, R. Coronel Helder Ribeiro
41° 12' 8.75" N / 8° 42' 44.58" W

MT.11

Recuperação Edifício Costa Braga / Casa da Juventude e Pavilhões
1993-99, Av. D. Afonso Henriques, 487
41° 11' 5.27" N / 8° 41' 3.23" W

MT.12

Remodelação do Edifício APDL – Administração dos Portos do Douro e Leixões
1995-2001, Av. da Liberdade, Leça da Palmeira
41° 11' 15.2" N / 8° 42' 12.0" W

MT.13

Plano da Marginal de Leça da Palmeira
2002-07, Av. da Liberdade / R. Coronel Helder Ribeiro
41° 11' 35.37" N / 8° 42' 25.04" W



OAZ.01

Agência Bancária
1971-74, Praceta António José Basto 5
40° 55' 18.23" N / 8° 28' 37.79" W

OAZ.02

Edifício de Escritórios Ferreira & Castro
1989-95, Av. Dr. António José de Almeida
293/297
40° 50' 16.71" N / 8° 28' 37.93" W

PVZ.01

Casa Alves Santos
1964-70, R. de José Régio, 272
41° 23' 08" N / 8° 45' 38" W

PVZ.02

Casa Beires
1973-76, R. Doutor Alberto Pimentel
41° 23' 07" N / 8° 45' 44" W

STR.01

Casa António Carlos Siza
1976-78, R. São João de Deus
41° 15' 37.43" N / 8° 30' 25.21" W

STR.02

Quartel dos Bombeiros Voluntários de Santo Tirso
2010-2012, Quinta de Geão
41° 20' 29.59" N / 8° 29' 15.60" W

VLC.01

Habitações Vila Cova
1970-72, Av. Infante D. Henrique / Av. Dr. Carlos Pinto Ferreira
[alterado]
41° 21' 12.07" N / 8° 45' 21.05" W

VLC.02

Agência Bancária
1978-86, R. 25 de Abril, 45
41° 21' 12.07" N / 8° 44' 30.11" W

VLC.03

Requalificação Urbana do Parque Atlântico
2000-07, Av. Manuel de Barros / Av. do Brasil / Av. Marquês de Sá da Bandeira
41° 20' 30.52" N / 8° 45' 4.33" W

VNG.01

Casa Margarida Machado
1979-87, Av. Gomes Guerra, 1090
41° 3' 31.13" N / 8° 39' 18.17" W